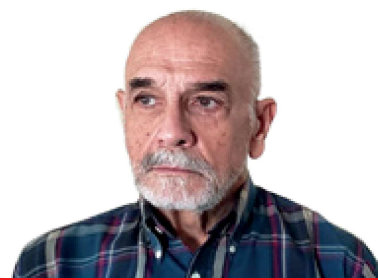


Uma aula de esperança



Desta vez, aparentemente, saio do modo zen (se é que dá para assim chamar a falta de estilo desse engenheiro), pois lembrei-me de um acontecimento em minha vida que, hoje, vejo com mais importância do que dei, à época. Talvez por causa dos atuais tempos epidêmicos, dessa experiência amarga que expôs pessoas invisíveis, completamente jogadas fora do que chamamos de cotidiano. Então tive vontade de contar, de tirar da mente e compartilhar com vocês. E, acreditem, é uma catarse, uma liberação de energia. Espero que aqueles que prosseguirem, e, bravamente, chegarem até o fim, vejam que meu propósito permanece o mesmo. Ainda mais neste momento, de importância fundamental cuidar dos desvalidos. Porque se é por meio das palavras, da crônica, que hoje posso direcionar essa atenção, é assim que vou fazer.

Corriam os anos 1980 ou 1990 e o Metrô de São Paulo projetou e construiu boa parte do Corredor Oeste. Tempos depois da obra, o filho do prefeito de Carapicuíba (Fuad Chucre, tio da nossa companheira, a engenheira e advogada Deyse), o arquiteto Fernando, pediu uma ajuda para projetar a drenagem de uma nova praça no centro da cidade. Projeto simples feito em dois fins de semana e, rapidamente, entregue. Tínhamos na equipe o Wilson Poina, um técnico altamente especializado, que sabia de cor as cotas da praça. E qual não foi a nossa surpresa ao sermos convidados para irmos à Carapicuíba, num domingo, para ajudar outros profissionais que participaram do projeto a dar uma exposição a presidiários em liberdade condicional pois eles iriam trabalhar na execução da praça. Achei sensacional a ideia de reuni-los numa sala, onde explicar-se-ia a função social da praça, e a chance dada a eles, agora livres e trabalhando.

Da minha parte, expliquei aqueles homens e mulheres os “pecados veniais” a serem evitados numa drenagem superficial. Obrigatório o uso de caixas em todas as mudanças de diâmetro ou de direção, da tubulação, por exemplo. E quando o diâmetro do tubo fosse aumentar haveria a obrigação da coincidência da GIS (Geratriz Interna Superior) na caixa, para que a parte à montante não ficasse afogada etc.

O interesse deles era tal que fiz um elogio: tinham pago suas faltas e, com esperança e força, tentavam voltar à vida comunitária. Que a ideia do prefeito era fantástica e que eles aproveitassem a oportunidade!

Também disse ter certeza de que se saíam bem, talvez até empregados, dado à visibilidade que eles teriam no trabalho. Que eram pessoas fortes já que a volta à sociedade, após o cativeiro, é sempre difícil. Muitos voltam a delinquir. Geralmente, por falta de oportunidades como essa.

Todos se animaram e disseram que não deixariam escapar a chance. Que tentariam fazer o melhor possível. Que estavam dispostos a suportar muito antagonismo, preconceitos, seguindo em frente.

Uma presidiária contou seu drama familiar com filhos sendo criados por terceiros, afastada pela família. Que, por um gesto tresloucado em um ataque de fúria no lar, cometera um grande

erro. Mas que pensava já ter pago sua dívida com a sociedade.

Após sua fala, pediu permissão para me abraçar, já com lágrimas nos olhos. Também me emocionei, abraçando-a, o que contagiou a sala. Muitos abraços e muitos choros. Mas não ranger de dentes, e sim, sorrisos confiantes!

Enfim, foi algo que me marcou. Tanto que cerca de 30 anos depois lembrei-me dessa passagem. Talvez tocado pela falta de oportunidades que vivemos hoje.

Percebe-se que um trabalho conjunto, que exige fé e, portanto, um certo risco, das autoridades aos presidiários, além de outros autores sociais, pode ser muito produtivo.

Falta, talvez, esse cuidado, um olhar mais preocupado e criativo dos governantes.


Lembro-me do plano do Juscelino Kubistchek, ao assumir a presidência do país, que dizia que avançaria 50 anos em 5 anos. 50 em 5! Ao ser perguntado de onde sairia tanto dinheiro, ele respondeu: “Não será preciso muito! Sairá da criação, da imaginação das cabeças dos governadores e prefeitos!”

Muita coisa se pode fazer desde que haja interesse, ousadia e um permanente apoio às iniciativas criativas e corajosas, como essa. Para terminar, ao contrário do que muitos tentaram prognosticar, não houve fuga, não houve nada que os desabonasse. Muito ao contrário, cidadãos carapicuibenses travaram um relacionamento de mútuo respeito, participativo e integrando-os, no possível. Muitos levavam ajuda, comida, roupas a eles, enchendo-os de esperança e confiança.

Claro que, uns poucos, maldosos, tentavam maldizer a experiência, que não passariam perto do local. Coitados, foram desmentidos pelo trabalho e pelo comportamento dos presos.

A obra foi concluída sem atrasos e com boa qualidade. Nada houve no local que os desabonasse. Sinto não ter tido o retorno do que aconteceu com nossos “peões”. Também não sei se houve uma investigação desse tipo, relatando o que houve com eles posteriormente.

Mas recebi uma carta da presidiária que me abraçou durante a aula, dizendo que gostara muito da experiência e que estava presenças a se empregar. Que aquela experiência dera a ela esperanças de futuro. E que percebeu, na obra, uma caixa de passagem, na drenagem, onde a tubulação a montante ficaria “afogada”. Deu uma “bronca” no colega, ajudando-o a corrigir as GISs! E que foi sanado o problema. Autofiscalização normalmente é querer demais, não? Mas houve aqui. Tinham interesse em completar a obra sem nenhum defeito. Foram estimulados para isso. E conseguiram!

Embora não tenha o vulto necessário para lançar um repto às autoridades, façoo! A esperança é necessária. Essa que não podemos perder e, que, segundo um filósofo do qual não me lembro o nome – eu, que frequento pouquíssimo esses tipos de livros – ela, a esperança, é adquirida e amplificada na luta, nas tentativas de participar, de colaborar, de melhorar nossa comunidade. 

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em Urbanismo e consultor de Transporte

E-mail: nstupunamba@uol.com.br